

## ESTABELECIMENTO DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE

LUÍS GONZAGA GOMES, DO INSTITUTO LUÍS DE CAMÕES, DE MACAU.

Por tempo dilatado se manteve sonogada ao conhecimento do mundo ocidental a existência do grande Império da China, que já tinha atingido grau de civilização bastante adiantado, quando, pela primeira vez, dela deu notícia Cláudio Ptolomeu (151 a.D.), célebre matemático, astrônomo e geógrafo grego que, porém, nunca visitou a China, pois ao que se sabe, passou tôda a sua existência em Alexandria. A perfunctória e imprecisa informação que logrou colhêr desse país, proveio-lhe de Marino de Tiro, notável geógrafo, matemático e fundador da geografia matemática, que viveu no século II da nossa era.

Outros autores gregos e romanos da remota antigüidade se referiram, igualmente, pôsto que de modo vago e indeciso, ao misterioso país de seres, constando que nos séculos I e II da era de Cristo, os mercadores alexandrinos, incentivados pela necessidade de obter mercadorias e gêneros que careciam, afoitaram-se a irem traficar para paragens tão distantes como a península de Malaca e até mesmo a Tonquim, onde, possivelmente, teriam tido oportunidade de contactar com traficantes chineses que ali iam exercer o seu trato, os quais, bizarramente recompensados e na mira de intensificarem, para o futuro, as suas mútuas relações comerciais, teriam acedido levá-los à China.

Sabe-se, no entanto, positivamente, que o imperador Marco Aurélio enviou, em 166 a.D., uma embaixada a Cantão, com o objetivo de entabular relações diretas com o país fornecedor da preciosa sêda e da maravilhosa porcelana, duas mercâncias muito cobiçadas no Ocidente, cujo abastecimento estava sendo monopolizado por países intermediários e supõe-se que, na Dinastia Han Oriental (25-220 a.D.), dois monges siríacos chegaram a introduzir-se no Império do Meio com o objetivo de descobrir o segredo do fabrico da sêda, mas o verdadeiro desígnio do seu ousado empreendimento seria, certamente, o da propagação da fé cristã.

Também com o fim de se abastecer de sêda, porcelana e outros artigos peculiares da China, no próprio centro da sua produção, foi enviada uma segunda embaixada do Império Romano do Oriente, pelo imperador

---

N. R. Este artigo foi publicado pelo *Boletim do Instituto Luís de Camões*, de Macau, número de dezembro de 1965.

Cacus, que foi recebida no País do Meio, no ano 244 da era de Cristo, e uma terceira, em 643 a.D., havendo ainda quem afirme que mais duas embaixadas romano-bizantinas foram enviadas ao país de seres, uma de Éfeso, em 1081, pelo César Miguel Ducas, o Parapinácio, e a última, em 1371, no cesarato de João Cantecuzeno.

A História da Dinastia Sung registra uma descrição do Império Bizantino, feita pelo embaixador desse Império, cujo imperador fôra identificado pelos historiadores como sendo o imperador Milissenus Niaphorus Caesar (1.080 a.D.), sendo esse embaixador o "Maitre Simon de Monfort", membro duma célebre família que andava ao serviço de Bizâncio.

Por outro lado, o primeiro contacto dos chineses com o mundo hele-nístico oriental foi efetuado por Chang Ch'ien, intrépido enviado do imperador Wu da dinastia Han, que lhe confiara, no ano 138 antes de Cristo, a missão de, à testa duma expedição composta de cem homens, descobrir um país denominado Ta Yueh Chi que, situado a oeste da China, tinha sido conquistado pelos hsiung-nu, os inimigos viscerais dos chineses.

Pretendia o imperador chinês convencer os ta-yueh-chi a pegar novamente em armas contra os hsiung-nu, oferecendo-lhes, para isso, o auxílio chinês. Os ta-yueh-chi eram conhecidos pelos gregos por *tochari* e pelos índios por *tukhara*, sendo um povo que falava uma linguagem com afinidades italo-célticas, e na altura em que Chang Ch'ien os encontrou (128 a.C.), estavam senhores de Bactria, onde deveriam existir muitos gregos.

Mais tarde, no ano 73, quando reinava o imperador Ming Ti, no prosseguimento da política imperialista dos Han, foram novamente enviados exércitos para subjugar os reinos de Turquestão, sendo a estratégia chinesa dirigida contra o flanco ocidental dos hsiung-nu. Escasso era, porém, o conhecimento dos comandantes da expedição quanto à situação no vale de Tarim. Escolheu-se então, um hábil oficial, Pan Chao, que viria a tornar-se o mais famoso administrador chinês jamais enviado ao Turquestão, para chefiar uma embaixada, com o objetivo de contrair alianças com esses reinos e, sendo possível, conseguir deles o reconhecimento da suserania chinesa. Durante dezessete anos, Pan Chao, com uma extraordinária habilidade, conseguiu reduzir à obediência, um a um, todos os reinos de Turquestão e, no ano 97, à testa de um exército de 70.000 homens, atravessou a extensa cordilheira de T'ien Shan e avançou, sem oposição, até às praias do mar Cáspio, acampando às portas da Europa, da qual ficara separado apenas pelas águas desse mar e pelas serranias da Armênia. Roma, sob o imperador Nerva, encontrava-se nessa altura no apogeu do seu poder. Pan Chao enviou um emissário, Kan Ying, para colhêr informações sobre o mundo ocidental, tendo este atingido a moderna Batun, no Mar Negro, onde os partas exageraram, deliberadamente, a existência de inúmeros perigos e invencionaram tenebrosas lendas para o dissuadirem de o atravessar, pois receavam uma aliança entre os dois mais poderosos impérios da época, o romano e o chinês.

Por diversas vias, porém, vieram os chineses, na dinastia Han, ao conhecimento da existência do Império Romano, que designavam por Ta Ts'in. Tôdas essas informações, trazidas ou pelos enviados chineses aos reinos da Ásia Ocidental ou pelos mercadores de diversos países que vinham à China nas caravanas que percorriam a animada "via de sêda", encontram-se compiladas e resumidas na Hou Han Shu.

Pelo mar, até se isolarem, completamente, do convívio com outros povos, pois que os imperadores da China tinham-se tornado avessos a que o seu povo se deixasse contaminar por idéias e hábitos estranhos, os chineses, que cedo estiveram na posse do segredo da agulha de marear, mantiveram, desde tempos muito remotos, periódico intercâmbio comercial com os seus vizinhos e outros países distantes, principalmente, durante a política expansionista do imperador Yung Lê da dinastia Ming, logrando assim alcançar, em dilatadas e prolongadas viagens, as longínquas costas da Índia e Arábia, chegando mesmo a aventurar-se até o litoral da África meridional, como testemunham com flagrante evidência as peças de cerâmica da dinastia Sung encontradas em Zanzibar. O mais notável explorador chinês foi, porém, o eunuco Cheng Ho, que conseguira convencer o imperador Yung Lê a confiar-lhe a organização e o comando de sete expedições navais, constituídas por mais de 60 barcos de grande calado, tendo alguns mais de cem metros de comprimento, e uma força armada de 27.000 homens.

Com esta poderosa esquadra, Cheng Ho percorreu o Índico em toda a sua extensão, visitando as costas da Índia Oriental, Golfo Pérsico, Aden e a África Oriental bem como a Indonésia, e impôs a suserania chinesa a Ceilão e Sumatra. Com a morte de Yung Lê, sem o apoio deste imperador, cessaram abruptamente as expedições, deixaram-se de construir grandes naves e as narrações das aventureosas viagens de Cheng Ho foram, malévola e destruídas, por inveja e intrigas dos eunucos da corte imperial.

A China conservou-se, porém, ignorada da Europa durante toda a Idade Média. No século XIII, os mongóis, conduzidos por Gengis-Cã e seus sucessores, espalhavam, com requintes da mais desapiadada ferocidade, a morte e a destruição por toda a imensidade asiática e, tendo conquistado Moscou (1235) e Kiev (1240), talavam as regiões situadas entre o Mediterrâneo e o Cáspio. Com a fulminante e decisiva vitória dos tártaros — nome por que, então, os mongóis eram conhecidos — em Leignitz (12 de abril de 1241), toda a Cristandade tremeu estarrecida. O Papa Inocêncio IV, assustado com tão impetuoso avanço, que nada parecia poder deter, apelou aos reis cristãos, no Concílio de Leão, em 1245, para que juntassem as suas forças, numa derradeira tentativa para sustar a invasão, ao mesmo tempo que enviava duas missões conciliatórias aos tártaros que, entretanto, já se tinham retirado da Boêmia e da Polônia e se encontravam em Dniepre, para os congregar e impetrar-lhes a cessação do cruel genocídio e desumana perseguição dos cristãos, no firme convencimento de que tal objetivo se alcançaria, uma vez que fôsse possível converter o chefe

dos invasores asiáticos ao Cristianismo. O resto da Europa escapou, porém, à fúria das hordas invasoras dos mongóis, que tendo depredado a Hungria, se preparavam para se lançarem sobre o Santo Império Romano, quando faleceu o Grande Cã Ogotai, filho e sucessor de Gengis-Cã, pois os grandes chefes foram convocados para a kuriltai, a magna assembléia dos mongóis, com o fim de elegerem o novo cã.

Ora, das duas missões, enviadas por Inocêncio IV, uma, a dominicana, seguiu a via ordinária, não tendo, todavia, logrado ultrapassar Carizim (Kharizim), hoje Quiva (Khiva) no Usbequistão soviético, que foi um poderoso canato, nos tempos dos mongóis. Da outra, a franciscana, foi incumbida o monge Giovanni de Plano Carpini (1182-1252), companheiro e discípulo de S. Francisco de Assis. Não obstante a sua provectora idade, pois já ultrapassara a casa dos sessenta, aceitara o velho monge tão arriscada como difícil incumbência. Encetou, assim, a longa viagem, em 16 de abril de 1245, partindo de Leão e, seguindo, através da Boêmia, Silésia e Polônia, alcançou Kiev, primeira cidade importante sob o jugo dos invasores asiáticos, após intermináveis e exaustivas jornadas. Venceu, depois, a desoladora imensidade russa, e, em 22 de julho de 1246, mal sabendo como conseguira sobreviver a tantas privações e padecimentos, era recebido, em Karakorum, onde se encontrava a côrte de Kuyuk, o cã da Horda de Ouro e sucessor de Ogotai, a cuja festiva ascensão ao trono, em 24 de agosto desse ano, pôde assistir.

Cumprida a sua missão, Carpini iniciou a viagem de regresso, em 13 de novembro de 1246, nada tendo conseguido senão uma missiva de Kuyuk, insolente e altiva resposta à carta de Inocêncio IV, não obstante serem cristãos dois dos seus principais ministros, Cadaque (Qadaq) e Cingai, e, no outono do ano seguinte, chegava às terras da França, vindo a falecer, cinco anos depois, isto é, em 1252, como arcebispo de Antivari.

Nesse tempo, encontrava-se Luís IX, o Rei Santo da França, em Chipre, no início da Sétima Cruzada. Foi ali pôsto ao fato, por dois emissários cristãos, David e Marcos, do chefe mongol Aljigidai, de que Kuyuk e sua mãe se converteram ao Cristianismo. Tal nova encheu de satisfação o Rei de França. Convocou os seus conselheiros e, ouvidas e ponderadas as doutas razões pelos mesmos expendidas, acabou o soberano por resolver enviar uma embaixada, com cartas suas e relíquias da Santa Cruz, tanto para Aljigidai como para Kuyuk. Para desempenho de tão temerária missão foi escolhido o dominicano francês André de Longjumeau ou de Longjumeau, vilório insignificante perto de Corbeil, Seine-en-Oise, tendo por companheiros outros dois dominicanos, Jean de Carcassone, natural de Champagne e Guillaume ou Guido de Longjumeau, porventura irmão de André.

Sabe-se, também, que, por essa altura, o legado papal no Oriente, Cardeal Odon de Châteauroux, enviou cartas ao cã e aos bispos nestorianos, pedindo-lhes que se submetessem à Santa Sé.

A embaixada de Longjumeau, que partiu de Chipre, em 27 de janeiro de 1249, chegou à côrte mongol, nessa ocasião instalada, possível-

mente, no vale de Emir, um ano depois, após uma árdua viagem. Foi recebida pela Imperatriz Ogul-Qaimis, pois Kuyuk falecera entre 27 de março e 24 de abril de 1248. Aceitou ela os presentes que S. Luís lhe enviava, como tributo do monarca dum país que reconhecia a soberania mongol, e, na resposta à carta do rei francês, redigida em termos arrogantes, exigia-lhe, com tôda a sobrançaria, o pagamento dum tributo anual. Foram portadores desta carta os embaixadores mongóis, que a imperatriz enviara, na companhia de André Longjumeau, na sua viagem de regresso, vindo êste a encontrar o rei S. Luís de França com os cruzados, em Cesaréia, na Palestina. Estava-se na primavera de 1251.

S. Luís, pôsto que decepcionado, não se arrependeu de ter enviado esta embaixada, pois que, anos mais tarde, correndo rumores de que Sartach, o bisneto de Gengis-Cã, que governava o território entre o Don e o Volga, se tinha convertido ao Cristianismo, aproveitou a partida de dois frades franciscanos que, abrasados pela fé, tinham decidido, por própria iniciativa, seguir para as ignotas terras do Oriente com o fim de converter os infiéis, para lhes confiar uma epístola, em que, ao mesmo tempo que apresentava as suas congratulações, lhe pedia que fôsse permitida a estada de missionários nas suas terras, para aí exercerem o seu apostolado.

Êsses dois frades, Guillaume de Rubriques (Rubrouck, Rubruck ou Rubruc), flamengo francês, que nascera, cêrca de 1220, em Rubruc, perto de Cassel, e Bartolomeo de Cremona, italiano, partiram de Constantinopla, em 16 de abril de 1253 e, após três meses e meio de exaustiva jornada, assinalada por inesperadas peripécias e tormentosos sofrimentos, foram recebidos por Sartach, no seu acampamento, perto do Volga, no dia 2 de agôsto.

Guillaume apareceu, envergando preciosa casula, como se fôsse celebrar uma missa solene e levando nas mãos um precioso exemplar da Bíblia e outro do Saltério; Bartolomeo segurava o Missal e uma cruz. Depois de os ouvir e festejar, passados dias, Sartach nada resolveu, limitando-se a enviar os dois frades ao seu pai, Batu, que se encontrava no Volga. Êste achou de bom conselho remetê-los a Mangou ou Mongka, o Grande Cã, sucessor de Kuyuk, que os recebeu, em 15 de dezembro de 1253, no seu acampamento situado na Ásia Central, mas muito mais para leste do lugar onde Carpini fôra acolhido pelo seu antecessor. A mãe de Mongka, Sorgaqtani, era fervorosa cristã e o seu primeiro ministro, Bolgai, tinha também abraçado o Cristianismo. Dêsse acampamento dirigiram-se os dois frades, depois, para Karakorum, onde chegaram em 5 de abril, tendo ali a alegria de encontrar três europeus, o ourives parisiense Guillaume Boucher e sua mulher Paquette, natural de Métis Metz, na Lorena, que tinham sido capturados em Belgrado, e um indivíduo de nome Basil, filho de um inglês, mas nascido na Hungria. Participaram os dois frades, na Capital dos mongóis, num acalorado debate sôbre diversas religiões, presidido por Mongka Khan. Durante a sua curta permanência entre os mongóis, puderam os dois franciscanos ba-

tizar apenas cinco indivíduos e converter um sacerdote nestoriano. Nada mais podendo conseguir, resolveram iniciar a sua viagem de regresso, em 18 de agosto de 1254, via Armênia, mas Rubruck, com grande relutância, viu-se obrigado a separar-se do seu companheiro Bartolomeo de Cremona e a prosseguir sozinho a jornada, pois este encontrava-se tão doente e debilitado que teve de pôr de parte qualquer veleidade de voltar ao Ocidente. Guillaume, após inenarráveis padecimentos, chegou a Chipre, em 1255, mas já não encontrara ali o Rei de França, que tinha regressado ao seu país. Como não foi permitido pelo Provincial da sua ordem seguir para Paris, redigiu um relatório que enviou a S. Luís, mas o seu precioso *Itinerarium* ficou esquecido, durante três séculos e meio, pois, só em 1600 é que Hakluyt publicou apenas uma parte d'êlo, vindo Purchas a completá-lo nos seus *Pilgrimes*.

Foram as missões de Carpini e de Rubruck que trouxeram ao Ocidente as primeiras notícias autênticas da existência de um longínquo império, plétórico de riquezas, situado nos confins do mundo, mas cabe a Rubruck a primazia de suspeitar da identidade da misteriosa e ignota Catai com a Sérica dos greco-romanos, o que viria a ser confirmado, mais tarde, pelo padre Matteo Ricci, em 1595, e, principalmente, pelo jesuíta micalense Bento de Góis, com a sua viagem de exploração da Índia a Su-Chow, na província de Kansu.

As notícias trazidas do Oriente por Carpini e Rubruck eram, todavia, ainda muito imprecisas e colhidas em segunda mão, porquanto êles não chegaram a entrar na China propriamente dita.

Os primeiros europeus que lograram visitar este país, já conquistado por Kublai Khan, o sucessor de Mangu Khan, foram, porém, os dois irmãos Niccolo e Maffeo Polo, mercadores de Veneza que, partindo da cidade natal, em 1254, e de Constantinopla, em 1260, em viagem mercantil, acabaram por entrar no Cataio, onde foram tão bem tratados por Kublai Khan, que este resolveu enviá-los como seus emissários ao Papa Clemente IV com o fim de solicitar o envio de cem missionários para converter toda a China ao Cristianismo. Quando os irmãos Polo chegaram a Veneza, já o Papa Clemente IV tinha falecido e, como após dois anos de estada na Europa, ainda não tivesse sido eleito outro chefe de Igreja, os Polos resolveram regressar à China, levando, desta vez, em sua companhia, Marco, jovem de quinze anos e filho de Niccolo. Em Acre trataram de obter cartas do Arcebispo de Liège para Kublai e, depois de terem já saído desta cidade, foram alcançados pelos emissários do referido arcebispo que lhes pediram que retrocedessem, porquanto acabava de ser eleito novo papa com o título de Gregório X. Este, porém, para converter toda a China ao Cristianismo não podia senão dispensar dois frades dominicanos, pouco cultos, que, descoroçoados com a dureza da viagem, trataram de regressar, na primeira oportunidade, sob o pretexto de se encontrarem doentes.

Marco Polo chegou à China com 21 anos de idade e, tendo-se tornado favorito de Kublai Khan, foi empregado em diversas missões importantes no país, que visitou exaustivamente. Exerceu, durante três anos, a contento do imperador mongol o cargo de governador de Yangchau e só conseguiu retornar à Europa, em 1292, quando, com o seu pai e o seu tio, fêz parte do séquito duma princesa chinesa que ia matrimoniar-se com um sultão da Pérsia. Viveu, depois, em Veneza e, em 1298, foi-lhe confiado o comando dum galeão, que entrou numa batalha contra Gênova. Derrotado e capturado na ilha de Cuzola, Marco Polo, para esquecer as horas de tédio passadas na prisão, ditou ao seu companheiro de cativo, Rusticiano di Pisa, as memórias de sua mirabolante e acidentada viagem pelo Oriente, nelas incluindo as suas aventuras na remota Catai, as quais constituem a primeira descrição pormenorizada do Império Chinês.

Ora, *cataios* era a designação dada pelos povos da Ásia Ocidental e da Europa Oriental aos *kitans*, turbulentos e aguerridos nômadas mongóis que, tendo conseguido unir outras tribos de idêntica etnia, formaram poderosos estados que organizaram para a guerra, acabando por formar o estado de Liao, fora da Grande Muralha da China e que abrangia a Manchúria, Jehol e a Mongólia Interior. Os *kitans* deixaram-se, porém, absorver completamente pela civilização chinesa, trocando o nomadismo pela residência fixa e a vida de correrias pelos confortos da cidade, vindo, assim, a perder o seu espírito combativo e a sua virilidade.

No ano de 1114 da era de Cristo, uma das tribos vassalas, os *nuchen* ou *kin*, que viviam no vale do Rio Sungari, isto é, na atual província de Kirin, na Manchúria, revoltou-se contra a soberania de Liao, lançando-se numa guerra de extermínio contra os seus suseranos. Os *kitans*, que se deixaram efeminar em contato com a civilização chinesa, foram completamente derrotados em 1124, e refugiando-se no Turquestão Ocidental, fixaram-se no vale de Ili, vindo, assim, a ser conhecidos pelos povos da Ásia Ocidental e da Europa Oriental, por *keraita*, *kara-kitan*, *kitay* e, finalmente, por *katay* ou *catai*. Na língua russa existe ainda a variante *kitai* para designar os chineses. Mas *Catai* referia-se, originalmente, apenas à China do Norte, abrangendo a região por onde corria a estrada das caravanas através da Ásia. A China do Sul, conhecida por Marco Polo, era designada por *Manzi*, corruptela de *man tzu*, povo aborígene não-chinês das províncias meridionais da China. Conhecera, assim, o Ocidente, primitivamente, a China, por dois nomes que não designavam propriamente os chineses, mas dois povos que foram, durante séculos, os seus inimigos tradicionais.

Entretanto, o Cristianismo tinha-se já introduzido na China, trazido pelos nestorianos, proscritos pelos imperadores de Constantinopla, pelo fato de seu chefe Nestorius, patriarca dessa metrópole, ter cometido a grande heresia de não querer reconhecer o mistério da encarnação, negando, desta forma, a divindade de Cristo, heresia esta que foi condenada pelo Concílio de Éfeso, em 431. Os nestorianos refugiaram-se,

primeiramente, nos estados do rei persa, onde se submeteram ao patriarca que residia em Selêucia, e, depois, em Mossul, donde se espalharam pela Índia e China. Quando o franciscano Giovanni de Montecorvino, enviado do Papa Nicolau III (1277-1280), chegou à China, possuíam os nestorianos doze igrejas, chefiadas por um patriarca que residia, em Khan-balik (a Cambaluc de Marco Polo, isto é, a cidade do cã, nome por que então era designada a cidade de Pequim).

Montecorvino nasceu, em 1247, na aldeia de Montecorvino Rovella, perto de Salerno. Tendo entrado na ordem franciscana, trabalhou, primeiramente, como missionário no Médio Oriente. Deveria ter sido pessoa de extrema afabilidade e possuidor de especiais dotes de persuasão, pois, logo no primeiro ano de sua chegada (1293), logrou converter uma personalidade mongol de alta linhagem, nada mais nada menos que o senhor do território do Tenduc, situado ao norte da Grande Muralha, na região sudeste do distrito de Suiyüan, que diversos escritores, incluindo Marco Polo, alegavam ser as tais afamadas terras de Prestes João. Este converso, que ficou sendo conhecido por Príncipe Jorge de Tenduc, era cunhado e foi, depois, genro do cã, pois casara, sucessivamente, com uma sua irmã e uma sua filha, tendo desta última um filho que fora batizado com o nome de João.

Vendo que a sua obra de missionação tão auspiciosamente encetada se não enraizaria, caso não tivesse continuadores, Montecorvino tratou de criar um clero nativo. Para isso, empenhou-se em reunir uns quarenta rapazes de sete a onze anos que por êle foram batizados e aos quais, com uma paciência extraordinária e sem esmorecimento, pôs em estado de compreender o latim e a liturgia. Verteu para uso dêles, para tártaro ou uigur, o Novo Testamento e os Salmos e combinara com o Príncipe Jorge efetuar a tradução integral do Breviário Latino. Giovanni de Montecorvino foi, na verdade, o introdutor oficial do Catolicismo na China e da primeira missão católica neste país.

Numa das cartas que escrevera aos irmãos da sua ordem, pedindo que levassem o conhecimento do seu conteúdo ao Papa, afirmava Montecorvino que, se tivesse dois ou três coadjutores, talvez conseguisse batizar o próprio cã. Montecorvino teve, entretanto, um bom defensor da sua causa na pessoa de Tomás de Tolentino, que conseguiu falar com o Papa Clemente V, que se encontrava em Poitiers, França. Foi, então, resolvido preconizá-lo Arcebispo de Khan-balik e Primaz de todo o Extremo-Oriente (1307) e sete frades foram sagrados bispos por três cardiais, para serem enviados à China, a fim de investir Montecorvino na sua nova dignidade prelatia e serem seus sufragâneos. Chamavam-se êstes bispos franciscanos: Andrea da Perugia, Gerardo Albuini, Peregrino da Castello, Nicola da Banzia, Andreucci d'Assisi, Ulric von Seyfridsdorf e Guglielmo da Villanova. Não se sabe se êste último, que morreu Bispo de Trieste em 1307, chegou a partir para a China ou não. Dos seis restantes, que partiram no outono de 1307, só os três primeiros resistiram à



duresa da viagem, entrando na China no ano de 1313, pois que os seus companheiros faleceram na Índia.

Autorizado a fundar uma cristandade na Capital, Montecorvino foi primeiramente auxiliado na sua obra de evangelização por Arnaldo da Colônia, frade alemão que a êle se reuniu em 1303, mas a primeira igreja católica na Capital da China foi erigida entre 1298 e 1299, graças somente ao seu próprio esforço; a segunda, em 1305, e a terceira, em 1318.

Com os missionários que foram enviados para o auxiliar, Montecorvino fundou uma segunda cristandade em Zaitun, onde uma rica senhora armênia mandou construir uma catedral, vindo o frade Gerardo Albuini a ser o seu primeiro bispo. Montecorvino enviou outros monges para fundar missões em Hangchow e Yangchou e, em 1318, era auxiliado, em Khan-balik, por dois bispos, Andrea da Perugia e Pietro da Firenze (Florença).

Alguns anos depois, em 1322, outro franciscano italiano, Oderico de Pordenone, acompanhado do frade Jaime de Irlanda, após dilatada viagem marítima, de Bagdá a Samatra, conseguiu desembarcar em Zaitun, onde encontrou dois conventos franciscanos. Seguindo, depois, para o norte, chegou a Khan-balik, onde se encontrou com Montecorvino, e findos três anos de residência na Capital, empreendeu viagem de volta à Europa, tendo em mira solicitar ao Papa o envio de cinquenta missionários. Ao cabo duma ausência de 13 anos, aportou a Veneza em 1330, mas não conseguiu resistir a tão exaustiva viagem, pois veio a falecer no ano seguinte, em Udine, em 14 de janeiro de 1331, com 66 anos de idade.

Oderico de Pordenone deixou uma interessante relação das suas viagens, e, no ano em que falecera, o seu itinerário foi seguido por Guilherme de Solagna, de Pádua, que na sua narração, forneceu curiosísimos informes sobre os costumes chineses, sendo também importantes as narrativas do Frei Jordanus, Bispo Andrea de Zaitun, Pascal de Vitória e o Arcebispo de Soltânia, autor do *Livro de Estado e Governança do Grande Khan de Catai*.

Com a morte do primeiro bispo de Zaitun, Fr. Gerardo Albuini, em 1318, foi nomeado seu sucessor Fr. Peregrino da Castello que, tendo falecido em 1322, foi sucedido pelo Fr. Andrea da Perugia. Este, depois de ter construído uma nova igreja e um grande convento, fechou os olhos para sempre, no ano de 1326, sem deixar quem ocupasse o seu lugar na sé de Zaitun. Idêntica circunstância viria a ocorrer com a sé de Khan-balik, por motivo do passamento de Giovanni da Montecorvino, em 1328. O Papa João XXII, ao ter conhecimento, em 1333 da vagatura da sé da Capital mongol, chegou ainda a nomear outro franciscano de nome Nicholas para ir ocupar, mas não se sabe de modo positivo se isso veio a efetuar-se.

Tão grande era a influência exercida por êses missionários na côrte mongol que os alanos cristãos, alguns dos quais ocupavam importantes cargos na corte, como o primeiro-ministro, conseguiram persuadir o im-

perador Togan Timur a enviar uma embaixada ao Papa Benedito XII, no ano de 1336, composta de dezesseis pessoas, sob a chefia de André o Franco, para pedir um Legado Papal. Esta embaixada chegou a Avignon, em 1338, sendo bem acolhida pelo Papa que, acedendo ao pedido dos alanos cristãos, nomeou Giovanni de Marignolli para tão espinhoso cargo.

Marignolli foi recebido pelo imperador mongol, em 19 de agosto de 1342, e presenteou-o, em nome do Papa, com um soberbo cavalo, que trouxera consigo. Pôsto que na Mongólia não faltassem equídeos, certo é que o belo presente dum país ocidental, que designavam por *fá-lán-kuo*, nome que os chineses voltariam a usar para designar os portugueses quando vieram a conhecê-los, no século XVI, serviu de motivo para os poetas chineses darem largas ao seu estro, exaltando, em inspirados poemas, as qualidades e a elegância de porte do nobre animal.

O novo Legado Papal não se demorou, porém, muito tempo na China. Não lhe foi difícil ver que o imperador era um indivíduo de fraco caráter, libidinoso e sem capacidade para governar tão vasto império, cuja rápida desintegração perante as contínuas revoltas dos chineses estava presentindo. Deu assim pressa em regressar à Europa, em 1345, não obstante os insistentes rogos do Imperador, que o estimava e o admirava, para que continuasse a residir na sua côrte. Tendo chegado a Avignon, em 1352, Marignolli empenhou-se junto do Papa Inocência VI, para que fôsem enviados mais missionários para a China. O Papa, porque já era tradicional o envio de franciscanos, pediu às autoridades desta Ordem que escolhessem vários frades e que sagraassem bispos a alguns, a fim de serem enviados para a missão da China. Foram, assim, nomeados bispos de Khan-balik Tommaso, em 17 de junho de 1362, Guglielmo del Prato, em 12 de março de 1370 e Giacomo da Capua, em 2 de outubro de 1426, mas nenhum dêles chegou ao seu destino, não tanto “devido à subsequente falta de zêlo aqui e ali por parte daqueles cuja obrigação era promover esta emprêsa, se não afetou qualquer progresso”, mas porque a China já se encontrava em completa convulsão.

Togan Timur, que teve um longo reinado (1333-1368), pois os seus sete antecessores, que se sucederam uns aos outros em menos de quarenta anos, isto é, de 1293 a 1333, tiveram todos morte violenta em resultado de conjuras palacianas, foi o último imperador da intrusa dinastia mongol, fundada sob terror e a mais cruel carnificina. O seu último ministro, Bayan, odiava entranhavelmente os chineses, sendo o inspirador de inúmeras medidas que os vexavam. Assim proibiu-lhes o uso de determinadas côres na indumentária nativa, o emprêgo de certas letras, como as que representavam a longevidade e a felicidade, a aprendizagem da língua mongol e muitas outras sevícias praticou contra êles, além de ter ordenado o desvio do curso do Rio Amarelo mais para o norte, para o levar a desaguar no Gôlfo de Chili, chegando a reviver um projeto de massacre em massa, que se destinava a exterminar todos os indivíduos de apelidos Chang, Wang, Liu, Li e Chao, isto é, os sobrenomes mais comuns na China, donde resultaria a extinção generalizada da população.

De entre os numerosos bandos de rebeldes que foram aparecendo por tãda a China, surgiu um bonzo budista que bem depressa patenteou notáveis qualidades de comando, pelo que foi escolhido para acaudilhar a revolução, que, entretanto, se generalizara, assumindo o aspecto duma luta nacional contra o abominado jugo mongol. Chu Yüan-chang, assim se chamava o bonzo revoltoso, após uma brilhante campanha, tomou Nanking, onde instalou a sua Capital. Tornara-se tão popular que até o poderoso pirata dos mares do sul da China, Fang Kuo-chên, se lhe submetera, engrassando com sua gente as hostes dos revoltosos.

Entretanto, as tribos tártaras ameaçavam o império mongol do lado norte, e a desunião reinava na cõrte entre os próprios príncipes mongóis, em consequência dos desentendimentos fomentados pelo príncipe-herdeiro, impossibilitando-os, assim, de apresentarem uma frente unida contra os seus inimigos comuns que, de vitória em vitória, acabaram por investir contra a Capital. Togan Timur, para salvar a pele, fugiu, acoitando-se nos seus domínios ancestrais da Mongólia. Entretanto, Chu Yüan-chang já se tinha proclamado Imperador da China, fundando a nova dinastia Meng, e adotando o título imperial de T'ai-Tsu, logo depois de a importante cidade de Kaifengu lhe ter caído nas mãos.

A dinastia mongol durou apenas nove décadas. Pouco ou nada contribuiu para o progresso da civilização chinesa, tendo, ao invés, destruído muitas e irreparáveis realizações da cultura nativa.

Tal como as dinastias que a precederam, desde a de Han, a mongol foi tolerante para com tãdas as religiões estrangeiras, sendo os cristãos, muçulmanos, budistas e taoístas, como indivíduos de qualquer nacionalidade, tratados com equidade, independentemente da sua etnia ou credo, mas enquanto que os chineses se aproveitavam dos conhecimentos que possuíam os estrangeiros, os mongóis empregavam-nos em misteres administrativos com receio de entregar a autoridade nas mãos dos chineses.

O trabalho da evangelização efetuado pelos missionários ocidentais não chegou, porém, a penetrar na massa chinesa, porquanto a conversão efetuara-se, na sua maior parte, entre elementos estranhos à China, especialmente entre os alanos e mongóis.

Assim, com a queda da dinastia mongol, e, na impossibilidade de enviar missionários através das regiões da Ásia Central que se encontravam convulsionadas com revoltas e guerras, extinguiu-se também o Cristianismo na China, a ponto de quase não deixar vestígios da sua existência neste país e, com o seu desaparecimento, perdeu-se totalmente, durante cêrca de dois séculos, qualquer contacto entre o Ocidente e o Derradeiro Oriente.

#### *ESTABLISHMENT OF THE FIRST CONNECTIONS BETWEEN THE WEST AND THE EAST*

*The Writer who is the Secretary of the Instituto Luis de Camões, in Macao, outlines in this essay a history about the relationship between the*

*West and ancient China. The retrospect takes as point of reference the information held in the work of Ptolomeus and other Greco-Latin sources, spreading to the Christian world report with the Mongolian Empire. Is emphasized the period concerning the European Middle Age when this approach with the Mongolians took place. The study closes with the extinction of the first Christian groups in China, to which there followed a two centuries' period without any contact between the Far East Empire and Europe.*

#### **ETABLISSEMENT DES PREMIÈRES RELATIONS ENTRE L'OCCIDENT ET L'ORIENT**

*L'Auteur, qui est le secrétaire de l'Institut Luis de Camões, à Macau, trace dans cet essai une histoire sur les relations de l'Occident avec la Chine ancienne. Cette rétrospection a comme point de repère la notice renfermée dans l'ouvrage de Ptolomeu et d'autres sources grecque-latines, en se déployant ensuite jusqu'aux relations du monde chrétien avec l'empire Mongol. Une emphase particulière est donnée au période qui correspond au Moyen Age européen —, lors de ce rapprochement avec les Mongols. L'étude finit rapportant la suppression des premiers centres chrétiens em Chine, à laquelle suivit un période de deux siècles sans aucun rapport entre l'empire de l'Extrême Orient et l'Europe.*